



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR
MILTON SANTOS - (IHAC)
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

CALISTO MOREIRA BASTOS FILHO

GRAFFITI: A POTENCIALIDADE
ARTÍSTICA E PEDAGÓGICA NO ENSINO MÉDIO

Salvador
2018

CALISTO MOREIRA BASTOS FILHO

**GRAFFITI: A POTENCIALIDADE
ARTÍSTICA E PEDAGÓGICA NO ENSINO MÉDIO**

Artigo apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Artes – Profartes (Pós-graduação Stricto Sensu), Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia – UFBA/UDESC como requisito final à obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientador: Prof. Dr. José Umbelino de Sousa Pinheiro Brasil.

Salvador
2018

B297g Bastos Filho, Calisto Moreira

Graffiti: a potencialidade artística e pedagógica no ensino médio /
Calisto Moreira Bastos Filho. Salvador, 2018.

36 f.: il. color.

Orientador: Prof. Dr. José Umbelino de Sousa Pinheiro Brasil.

Artigo (Mestrado Profissional em Artes) – Instituto de Humanidades,
Artes e Ciências, Professor Milton Santo, Universidade Federal da Bahia,
2018.

Inclui referências.

1. Graffiti. 2. Ensino médio. 3. Colégio Estadual Polivalente de
Camaçari. 4. Proposta de ação artística e didática. I. Universidade Federal
da Bahia. II. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Professor Milton
Santo. III. Brasil, José Umbelino de Sousa Pinheiro. IV. Título.

CDD: 370.193

BASTOS FILHO, Calisto Moreira. **Graffiti: a potencialidade artística e pedagógica no ensino médio**. 36 f. 2018. Artigo (Mestrado) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

RESUMO

Calisto Moreira Bastos Filho¹

Este artigo reflete os resultados do projeto – Graffiti: *Proposta de Ação Artística e Didática no Ensino Médio*, executado no Colégio Estadual Polivalente de Camaçari, em uma turma do 1º ano do ensino médio. Apresenta como tema o Graffiti no contexto escolar e, como objetivo, a análise e reflexão dos conhecimentos, que foram compartilhados e construídos sobre as intervenções gráficas urbanas. É uma pesquisa teórico-prática, que dialogou com teorias e práticas relacionadas a uma modalidade de arte urbana na escola, por intermédio de experimentos que foram realizados com os alunos. O estudo foi baseado em alguns referenciais teóricos de Celso Gitahy (1999), Béa Meira (2015), Jaqueline Arruda (2002) e Roseli Ventrella (2002), dentre outros autores. O trabalho permitiu visibilidade artística, ampliou questões, foi tido como suporte pedagógico e analisou o panorama de censura à arte urbana. São enfatizadas as contribuições do trabalho do Graffiti na escola e a sua aplicação através de uma proposta artística e didática, como um referencial ao trabalho docente dos licenciados em Artes Visuais no ensino médio.

Palavras-chave: Graffiti. Ensino médio. Colégio Estadual Polivalente de Camaçari. Proposta de ação artística e didática.

¹ Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Artes – (PROFARTES), do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências – (IHAC), da Universidade Federal da Bahia – (UFBA). Professor da Rede Municipal de Salvador e da Rede Estadual da Bahia. Especialização em Arte Educação – Cultura Brasileira e Linguagens Artísticas Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Licenciado em Desenho e Plástica pela Universidade Federal da Bahia - (UFBA). E-mail: calistobastos@uol.com.br

BASTOS FILHO, Calisto Moreira. **Graffiti: artistic and pedagogical potential in middle school**. 36 f. 2018. Article (masters) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

ABSTRACT

Calisto Moreira Bastos Filho

This article reflects the results of the project - Graffiti: Proposal of Artistic and Didactic Action in High School, executed in the State High School of Camaçari, in a class of the 1st year of high school. It presents as subject the Graffiti in the school context and the objective the analysis and reflection of the knowledge that was shared and constructed on the urban graphics interventions. It is a theoretical-practical research, that dialogued with theories and practices related to an urban art modality in the school through experiments that were carried out with the students. The study was based on some theoretical references, Celso Gitahy (1999), Béa Meira (2015), Jaqueline Arruda (2002), Roseli Ventrella (2002), among others. The work allowed artistic visibility, broadened questions, was taken as pedagogical support and analyzed the panorama of censorship of urban art. It emphasizes the contributions of the work of Graffiti in the school and its application through an artistic and didactic proposal, as a reference to the teaching work of the graduates in Visual Arts in high school.

Keywords: Graffiti. High school. State high school of Camaçari. Proposal of artistic and didactic.

SUMÁRIO: 1 Introdução; 2 Arte e linguagem; 2,1 Graffiti: linguagem da cidade; 3 Arte urbana – *street art graffiti*; 3.1 Movimento *hip hop*: cultura da periferia; 4. O muro: suporte que comunica e expressa através da arte; 5 Graffiti e pichação: arte, resistência e forma de expressão urbana; 6 O Graffiti e a pichação perante às leis: (autorizados-desautorizados); 7 O Graffiti no ensino médio – a proposta de ação artística e didática; 7.1 As ações da proposta artística e didática – Planejamento e procedimentos; 7.2. Relato do processo e dos resultados da proposta de ação artística e didática – experiência de aprendizagem com o Graffiti; 8. Considerações finais; 9. Referências.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objeto de estudo o Graffiti², como uma linguagem visual que tem se tornado cada vez mais presente nos espaços públicos e, também, no ambiente escolar. Considerada uma das expressões artísticas mais importantes da atualidade, a pintura inicialmente realizada de modo ilegal nos muros da cidade, hoje é entendida como uma forma de arte espontânea, que transforma as cidades em museus abertos, assim como, um recurso pedagógico que possibilitou uma ação educativa com a arte de rua, na escola, com os alunos.

Em meu percurso profissional, na rede pública de ensino do Estado da Bahia, atuando no ensino médio, como professor licenciado em Artes Visuais³, foi possível constatar que as pinturas e desenhos estampados nos centros urbanos das cidades, já se encontravam na escola, entre os alunos. Uma representação artística familiarizada entre os adolescentes que potencializa a comunicação com o mundo. Diante disto, fui estimulado por várias inquietações, que ganharam forma e atitude para a construção de um projeto na escola que leciono – Graffiti na escola: Proposta de ação artística e didática no ensino médio. Este projeto, contemplou uma temática atual do âmbito das Artes Visuais no sentido pedagógico, onde foram utilizados métodos, técnicas e processos criativos de ensino para o compartilhamento e construção de conhecimentos.

As ações do projeto foram organizadas por um cronograma definido e executado no período compreendido entre agosto e novembro de 2016, durante as aulas de Arte (Artes Visuais), em uma das turmas do 1º ano do ensino médio, nomeado pelo colégio como “1º E”, turno matutino, do Colégio Estadual Polivalente

² A palavra é original da língua italiana, *grafito* no singular e *Graffiti* em sua forma plural. Neste trabalho optou-se por utilizar a grafia internacional da palavra - Graffiti (com a letra inicial maiúscula) tanto no plural quanto ao singular. No Brasil costuma-se utilizar a grafia nacionalizada (*grafite*) que, no entanto, pode ser confundida com o material e a técnica de desenho também conhecidos como *grafite*;

³ Utilizarei letras maiúsculas quando me referir às Artes Visuais sendo uma das linguagens artísticas;

de Camaçari. As aulas eram geminadas⁴, aconteciam uma vez por semana e possuíam duração de cem minutos. Os espaços físicos utilizados no colégio, onde ocorreram as ações do projeto, foram a sala de aula e a de vídeo.

No procedimento das ações do projeto, houveram desdobramentos com aspectos ligados à temática de trabalho. Ou seja, no decorrer do processo, fez-se necessário abordar alguns subtemas, indicados e incluídos de forma implícita, como – Arte e linguagem; Arte Urbana; Movimento *Hip Hop*; O muro como suporte (intervenção e comunicação); Graffiti e pichação – arte, resistência e forma de expressão urbana; Graffiti e a pichação perante as leis e o Graffiti no ensino médio. Estes tópicos contribuíram para o êxito no desenvolvimento do trabalho que foi realizado com os alunos e, por consequência, na verificação dos bons resultados da intervenção artística e didática na escola.

Para a construção e o embasamento do exposto artigo, foram consultados e/ou citados alguns autores que abordam o Graffiti, pichação, arte urbana, comunicação visual e o ensino das Artes Visuais. Aconteceram ainda, pesquisas em livros, artigos e sites da internet, que foram fundamentais para a apropriação de informações e compreensão de um trabalho com uma modalidade artística urbana inserida no contexto escolar.

Baseado em minhas experiências e pesquisas, reconheço a potência da arte de rua, sendo uma arte livre, levando arte para todos, que pode acontecer sem a intermediação das instituições e dos críticos. “O artista obtém visibilidade imediata trabalhando em espaços públicos, onde todo tipo de gente tem acesso a seu trabalho, incluindo as pessoas que não costumam frequentar museus”. (ALVES, 2006, p.111). O Graffiti é um dos meios de expressão artística mais acessíveis à maioria da população, seja na sua produção ou apreciação. É uma das formas de intervenção visual que transformam a estética urbana, reunindo dois fundamentos, que lhe separa das demais formas de interferências, ela une a estética ao pensamento crítico. Por conta disto, foi realizada uma análise para que fosse compreendido na íntegra o aproveitamento desta manifestação artística urbana, sendo trabalhada na esfera escolar.

Em meio a tantas interferências visuais que hoje ocorrem nos grandes centros urbanos, foi de grande relevância a realização, da proposta de ação artística e didática que abordou o Graffiti. Representa um tema atual, constituído de uma força estética

⁴ Significa duplicada, que está disposta em pares.

que se destaca em meio à poluição visual, um importante meio de expressão, estabelecendo um contato direto com a sociedade e, além disso, possibilitou ampliar e compartilhar questões sobre manifestação artística urbana e tratar de questões sociais, políticas e culturais entre os alunos.

2 ARTE E LINGUAGEM

Considera-se fundamental a reflexão e a consideração como arte, a produção artística de pessoas inseridas nas chamadas culturas de minorias ou ainda denominada cultura de rua, sendo incluído os grafiteiros e demais artistas que realizam intervenções no espaço urbano. A compreensão da arte deve se dar numa perspectiva que contemple e respeite prioritariamente a diversidade estética, política, religiosa e social. Desta forma, o fazer artístico deve ser visto sempre em um panorama multicultural, integrador e democrático.

O resultado do contato do sujeito com o meio em que vive, sua experiência humana conectada com valores morais, éticos e políticos de determinada época e cultura, corresponde ao que se indica como arte. Dessa forma, o artista, então, seria um tradutor da realidade, aquele que, dentro de sua bagagem cultural, das suas experiências culturais acumuladas, formada por sua relação com a sociedade, produziria e comunicaria uma visão de mundo através de uma obra ou ainda, de uma intervenção artística.

Quando falamos em linguagem, logo nos reportamos à fala e à escrita. Estamos tão condicionados a pensar que linguagem é tão somente a linguagem verbal, oral ou escrita e, do mesmo modo, que ela é a única forma que usamos para saber, compreender, interpretar e produzir conhecimento no mundo. Diante disso, é importante destacar que existem outras formas de linguagem que, de modo não-verbal, também expressam, comunicam e produzem conhecimento.

A linguagem, um dos caracteres da espécie humana, na riqueza de meios que atingiu, ultrapassou os limites da palavra – a mais convencional das formas de expressão. De modo geral, porém, toda arte é comunicação, é importante dizer linguagem, em condições bem mais amplas que o jogo das palavras. (KELLY, 1978, p. 13).

Durante a aplicação das ações do projeto, foram abordados, reformulados e construídos alguns conceitos, com os alunos, sobre o Graffiti como linguagem. Isto implica compreender as pinturas urbanas como forma de comunicação e expressão

artística contemporânea, que se apropria do espaço urbano, democratizando a arte, sendo, também, um canal de informação.

O acesso à realidade é sempre mediado por linguagens, por sistemas simbólicos. “Linguagem é um sistema simbólico e toda linguagem é um sistema de signos” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 37). Uma espécie de construção que se realiza pela representação de objetos, ideias e conceitos por meio de diferentes sistemas simbólicos e diferentes linguagens. Assim, toda linguagem é um sistema de representação pelo qual olhamos, agimos e nos tornamos conscientes da realidade.

Cada artista e sua obra são modelos de linguagem revelando experiências em todas as direções. O artista escolhe dizer, trazer, fazer visíveis suas reações às coisas do mundo, no contexto do seu tempo e lugar, por meio da criação artística.

2.1 GRAFFITI: LINGUAGEM DA CIDADE

As interferências artísticas no espaço urbano, devem ser compreendidas como produção de linguagem codificada por misturas de signos em pleno ambiente da cidade, utilizando como suportes muros, fachadas, paredes, entre outras bases.

O Graffiti é considerado como uma forma de comunicação e expressão, estabelecendo, no contexto urbano, um diálogo direto por meio da arte. Segundo Cruz (2004, p. 198), “é uma forma de comunicação, porque mediante uma gíria e símbolos linguísticos específicos permite interagir socialmente com o espaço urbano”. Os grafiteiros interferem na leitura dos espaços urbanos⁵, por meio de suas ações. Praticam intervenções artísticas, desejam que seus desenhos sejam visualizados e interpretados por pessoas de qualquer segmento social, além de ter caráter efêmero e gratuito.

De acordo com Medeiros (2008, p. 82), “investiga o suporte das pinturas, segundo a resignificação da cidade, abordando as atividades dos grafiteiros e sua interação com o espaço”. Os espaços, evidenciados neste trabalho, correspondem às ruas, praças, bairros e o centro da cidade de Camaçari-Ba, onde os alunos participantes do projeto, residem, transitam e relacionam-se com o cotidiano. São justamente nesses locais que os grafiteiros realizam suas intervenções artísticas, onde disputam buscando a visibilidade, reconhecimento e, principalmente, comunicar, compartilhar

⁵ Locais públicos estabelecidos na cidade, onde acontecem a interação entre as pessoas e as intervenções artísticas urbanas, em específico, o Graffiti.

ideologias, atitudes e denunciar questões de cunho social e político para um conjunto de pessoas.

Em conformidade com Maffesoli (1998, p.1), “o Graffiti é pensado como forma de comunicação ao possibilitar a interação do grafiteiro com a estética de uma cidade ventríloqua, com a sua tribo urbana e com os habitantes”. Nesse sentido, a intervenção visual, seja através de um desenho, de uma palavra ou de uma sigla, representa um signo em diálogo com o entorno que cerca a inscrição na parede.

Na leitura de uma comunicação urbana está em jogo a subjetividade de quem se interessa por ela.

Na decodificação da mensagem existe sempre um lado criativo, um critério subjetivo. Ela é interpretada segundo a formação particular do pesquisador, sua biografia intelectual e política, seus gostos e emoções ou segundo o acaso. (CANEVACCI, 1993, p. 37)

As expressões comunicativas das intervenções urbanas, se relacionam com muitas dimensões sociais, em instâncias culturais também ecléticas, o que marca uma diversidade interpretativa. A leitura das pinturas é condicionada ao seu entorno, uma vez que se encontre impregnada em uma parede, em uma rua, em um bairro, em uma cidade. Deslocar física e temporalmente fragmenta sua relação com o todo no qual foi concebida, minada a sua significação. O desenho grafitado só se torna um Graffiti quando em relação com a cidade.

No que tange ao entorno, à rua da cidade, o Graffiti se agrega em um entrelaçamento de ressignificação. Ele deixa de ser obra em si mesmo, até porque não é pensado para isso, e funde-se nos níveis significativos da paisagem urbana. O próprio movimento do passante, que vê as pinturas de forma rápida, já acusa a leitura do que salta aos olhos. O ritmo da cidade, o semáforo, a parada de ônibus, são formas de reger tempos diferentes de exposição do morador frente a paisagem em que se inserem as intervenções artísticas.

Os grafiteiros remodelam a cidade e devolvem a ela um caráter de comunicação compartilhada, de recepção de novos significados, tensões e mudanças. Fazem dos espaços da cidade, espaços de opinião, de investigação, de diálogo e, por que não, da arte.

A comunicação visual relacionada ao Graffiti, se caracteriza por liberdade de expressão, ou seja, uma espécie de atitude de encarar o mundo e estabelecer uma linguagem com a cidade, sendo também, lugar de cultura, mas da cultura não só dos dominantes, mas do povo, dos que nela vivem e trabalham.

3 ARTE URBANA – *STREET ART GRAFFITI*

De acordo com Ferreira (2011, p.1), a arte urbana pode ser definida como: “Arte contemporânea, de cunho popular, que é feita em espaços externos da cidade, sobre o mobiliário urbano, sejam eles paredes, muros, placas e todo tipo de aparato de sinalização”. Em classificação geral, corresponde a todo tipo de arte criada em uma rua ou localização externa.

A arte urbana (*street art*) designa uma arte encontrada nos meios urbanos, seja por meio de intervenções – performances artísticas, Graffiti, pichação nos muros, estêncil⁶, sticker art⁷, instalações, esculturas, dentre outras. Artistas de diversas modalidades artísticas escolhem o ambiente urbano como espaço para construção e exposição de suas obras.

No processo da aplicação da proposta pedagógica, em meio a debates e esclarecimentos sobre a arte urbana, os alunos compreenderam que existem obras e manifestações artísticas em toda parte, inclusive nas ruas da sua cidade. Anulando, desta forma, a ideia da arte como algo elitizado e afastado do cotidiano. Segundo Meira (2015, p. 396), “A arte explode pelas ruas das cidades. Não precisamos mais ir a espaços clássicos para ver pinturas ou assistir a projeções e encenações”. A proposição central da arte urbana é justamente sair dos lugares ditos “consagrados”, ou seja, destinados à exposição e apresentações artísticas (centros culturais, galerias, museus), para dar visibilidade à arte cotidiana, espalhada pelas ruas.

Os artistas contemporâneos procuram novos caminhos e criam novas formas de expressão da arte urbana. O cenário caótico das cidades é composto por desenhos, cartazes, pinturas, tipografia, adesivos, histórias em quadrinhos e cultura popular que se misturam nos paredões de concreto. Somos convocados a nos relacionar com a arte de modo a entender a atitude, o posicionamento político, as ideias e conceitos em que ela se apresenta para nós e para o mundo. Por conta disso, faz-se necessário repensar as dimensões estéticas da cidade, ou seja, pensá-la como espaço para diferentes linguagens artísticas. Assim também, buscar transpor os

⁶ Técnica de pintura que é feita com molde vazado em que se passa tinta sobre ele, formando assim um desenho bem delineado. Esta técnica é amplamente usada em arte urbana, seja ela feita diretamente sobre a parede ou sobre papel que é depois colado;

⁷ Modalidade de arte urbana que utiliza de etiquetas adesivas.

muros das galerias e museus, transformando o espaço urbano em um verdadeiro campo de experimentação, como já fazem os artistas grafiteiros.

Diversas técnicas são utilizadas pelos artistas de rua, embora a intervenção por meio da arte do Graffiti seja a mais associada ao tema de arte de rua. As obras estão por toda parte, nos muros, viadutos, tapumes, pontes e nas praças.

O Graffiti é livre por definição. Não há artista convidado ou selecionado para participar de uma mostra. O artista vai ao encontro de seu público, livre de qualquer tipo de aprovação. A arte urbana é orgânica: espontânea, interagindo com a arquitetura, com a paisagem urbana, com os equipamentos urbanos, com outras intervenções, sobrepondo-se incessantemente às pinturas mais antigas. (MEIRA, 2015, p. 396).

A arte urbana não faz sentido fora do contexto das ruas. Não pode ser levada para o mundo do colecionismo e do mercado sem perder sua essência. Em muitas situações, por conta da sua característica de efemeridade, só pode ser preservada por registros fotográficos ou filmagens.

A arte produzida no contexto urbano, faz parte da cultura visual contemporânea, tendo evoluído e se espalhado por todo o mundo, como grande veículo de interação, reflexão e comunicação. Os artistas adeptos da arte urbana e, em específico, os grafiteiros, têm contribuído por meio de suas intervenções, em diversos espaços da cidade, mudando a percepção do público sobre esta forma de arte, de vandalismo para um movimento artístico que deve existir e ser notado pelos transeuntes no entorno urbano.

3.1 MOVIMENTO *HIP HOP*: CULTURA DA PERIFERIA

As bases da linguagem da arte urbana não estão somente em seu viés de transgressão, mas também de uma importante linguagem urbana que se constituiu no final da década de 60, do século XX, nas periferias de Nova York: O Hip Hop. Com a consolidação dos ativismos sociais ligados a grupos étnicos, principalmente negros, emergem movimentos importantes de contestação e de expressão artística.

Segundo Xavier (2002, p.85), “o *Hip Hop* tem suas origens históricas nos Estados Unidos, onde problemas como exclusão e racismo sempre foram muito fortes”. Os mais atingidos por esta situação foram os jovens, residentes dos subúrbios de Nova York, que enfrentavam diversos problemas de ordem social como pobreza, violência, racismo, tráfico de drogas, carência de infraestrutura e de educação, entre outros. Eles

encontravam na rua o único espaço de lazer, e geralmente entravam num sistema de gangues, as quais se confrontavam de forma violenta na luta pelo domínio territorial.

África Bambataá⁸, foi um dos pioneiros do *Hip Hop* que, em 1973, propôs que as gangues abandonassem as armas e a violência contra si mesmos, e resolvessem suas diferenças por meio da dança. Eram organizados os “bailes black” que se constituíam de dança (breakdance), de música comandada por um DJ (disc jockey) que manipulava dois discos, remixando batidas, por um MC (mestre de cerimônia) que cantava as letras de protestos com ritmo e rimas, além da figura dos grafiteiros que com seus sprays, elaboravam a cenografia para este grande acontecimento metropolitano. Reunindo essas linguagens artísticas, temos os elementos que originaram uma manifestação cultural que busca a rua como espaço aberto e de livre acesso, trazendo também, transformações que instigaram a imaginação criadora do espectador contemporâneo.

No Brasil, este movimento de resistência política e social, começa a acontecer com força na cidade de São Paulo, nos anos 80 do século XX. No centro da cidade, mais propriamente nas estações de metrô, jovens da periferia paulistana se reúnem para traçar experiências e fazer a sua arte. Lá se encontram artistas das quatro linguagens de que se constitui o *Hip Hop*.⁹

Conforme Ferreira (2011, p.9), “a arte urbana brasileira, depois da década de 1980, se vê fortemente marcada pela expressão do *Hip Hop*.” Essa cultura urbana se prolifera fortemente no Brasil por suas características, principalmente de contestação social e por dar vazão a expressões artísticas para a comunidade da periferia.

O Graffiti, enquanto manifestação cultural do movimento *Hip Hop*, refere-se a desenhos das mais variadas formas, simbolizando algo e sendo acessível imediatamente ao público. Contrastando, em muitas situações, com a predominância das mensagens trágicas de pinturas localizadas em diversos centros urbanos, no meio social dos alunos, os muros exibem também, desenhos coloridos que divulgam as várias faces do movimento *Hip Hop*, como cenas de b: boy dançando, Djs e Mcs. Esta opção é a que mais atrai a maioria dos estudantes que procuram trazer seus sonhos

⁸ Pseudônimo de Kevin Donovan, um cantor, compositor, produtor musical e DJ norte-americano. Também é considerado como o pai do *Hip Hop* por ter sido o primeiro a utilizar o termo e dar as bases técnica e artística para o *Hip Hop* formando assim uma nova cultura que se expandia nos bairros negros e latinos da cidade de Nova York e que congregava DJs, MCs, *Writers* (grafiteiros), B.boys e B.Girls (dançarinos de *Breakdance*).

⁹ É constituído por quatro elementos essenciais: a música dos DJ, a poesia dos MC chamada de *rap*, a dança break e o Graffiti;

e poesias para ressignificar a realidade urbana e valorizar a cultura que representa as suas histórias de vida.

4 O MURO: SUPORTE QUE COMUNICA E EXPRESSA ATRAVÉS DA ARTE

O muro, desde os tempos remotos, apresentou-se como lugar privilegiado para inscrição de símbolos com intuitos comunicativos. Apresenta conexão direta com o Graffiti¹⁰, pela necessidade de se comunicar, além disto, é uma expressão intimamente ligada ao seu suporte que, independentemente de sua qualidade, deve estar exposta no espaço público e, preferencialmente, com bastante visibilidade.

Analisar e estudar as pinturas existentes no meio urbano, como expressão e manifestação artística permite identificar algumas características que, por sinal, são bastantes interessantes, pois são distintas das de outras formas de expressão como a escultura, a pintura, a fotografia, o cinema, a música, o teatro ou a dança. O artista grafiteiro utiliza um suporte totalmente diferente dos utilizados por outros artistas. Tela, madeira, pedra, metal, vidro, papel, tecido, dentre outros materiais, são substituídos por muros, pontes ou viadutos.

Os artistas grafiteiros em geral querem manifestar e expressar ideias através de imagens ou palavras ligadas à política, ao esporte, aos sentimentos e às brincadeiras. Os pichadores, na maioria das vezes, deixam recados cifrados que só podem ser interpretados por pessoas pertencentes a determinados grupos.

Utilizar muros para comunicar ideias é uma forma de socializar a arte. Nessa linha de raciocínio é exemplar a comparação realizada entre um livro e o muro.

O muro, por ser um suporte muito particular para se comunicar algo, exige uma forma própria de linguagem. A produção de uma escrita em muro se diferencia de um livro exatamente porque o livro pressupõe a opção entre ler ou não, mesmo que se tenha acesso a ele. O muro não. Uma vez visto, 'a coisa já entrou em você', e não há mais opção. Mesmo que não goste da frase, ela já foi absorvida [...]. (SERVA¹¹, 1996 apud ARRUDA E VENTRELLA, 2002, p. 9).

O Graffiti é absolutamente diferente da pintura de cavalete reconhecida como arte e quase sempre não está exposto no museu, pois tem como suporte os

¹⁰ Tal como existe atualmente, se insere dentro de uma tradição maior de pinturas murais que estão presentes em toda a história da humanidade. Como exemplo, o Movimento Muralista Mexicano, que teve origem no início do século XX. Os artistas mexicanos criavam em grandes dimensões, preferencialmente em espaços públicos, com a intenção de dialogar com as pessoas e tornar a arte mais acessível a todos.

¹¹ Leão Serva é jornalista e escritor. Foi secretário de Redação da Folha e dirigiu importantes jornais como Diário de S. Paulo, Jornal da Tarde e Lance. Assina coluna quinzenal no caderno Cotidiano da Folha.

muros, fachadas, paredes no espaço do urbano como suporte, por isso, acaba sendo absorvido mais rapidamente que as obras reservadas aos espaços sagrados pelas pessoas.

Os transeuntes distraidamente, observam a paisagem urbana, seja pela janela de automóveis ou quando caminham pelas ruas que levam aos seus destinos. Aquelas imagens de desenhos, frases e palavras que se confundem com rabiscos compõem um emaranhado de formas, que nos mais inacreditáveis locais insistem em comunicar. Às vezes, esse tipo de comunicação chega até nós com mais liberdade do que desejamos, surpreendendo-nos.

Nas ruas, registradas em muros e viadutos, a presença das intervenções artísticas valoriza a paisagem e encanta as pessoas, que podem parar ou andar mais vagorosamente para apreciar e interpretar a obra. Constata-se que as diversas pinturas executadas nas vias públicas podem provocar um desaceleramento do passante, o que também pode ser considerado um movimento em oposição à velocidade, à aceleração que impera no cotidiano urbano.

Na maioria das vezes, os muros em que ocorrem as intervenções, se encontram sujos e com suas superfícies danificadas, tornando o ato de pintar nas vias urbanas ainda mais árduo. Muitos espaços públicos não são cuidados e por conta disso, perdem as características de encantar ou de atrair ou ainda de interessar aos transeuntes. Ao se produzir Graffiti nesses ambientes, revitalizam-se espaços e muros abandonados que, muitas vezes, se transformam em lugares também de cultura e arte.

As pinturas representadas em muros e viadutos oferecem a possibilidade de gerar, através de imagens fortes e de crítica social, a indignação nas pessoas que transitam nos centros urbanos e que observam atentamente a poética à respeito daquilo que os muros têm a nos dizer. Ou seja, através de imagens impactantes grafitadas, outras configurações de pensamento podem ganhar voz entre as pessoas. As impressões dessas pinturas, se estabelecem ainda, como um canal de expressão e um novo espaço, contribuindo para fazer circular novos pontos de vistas e outras formas de percepção da realidade que remetem aos transeuntes, aspectos criativos e questionadores. “O Graffiti no qual se reconhece uma manifestação com intenção estética e de diálogo com o suporte e os transeuntes, passou pela antiguidade até as mais recentes manifestações sociais e políticas”. (FERREIRA, 2011, p.3).

Embora seja importante salientar, que atualmente os muros que por vezes falam e comunicam, são silenciados. Por conta da ação agressiva, impactante e

desrespeitosa de órgãos das esferas municipais e estaduais que apagam e removem as intervenções artísticas que são executadas nos muros das grandes metrópoles.¹²

Muitos artistas grafiteiros lutam pela preservação das pinturas que são impressas nos muros e viadutos dos grandes centros urbanos. É necessário, estabelecer um diálogo com a sociedade, para obter apoio e também, para que seja compreendido que a intervenção urbana que é produzida, corresponde a uma manifestação artística contemporânea que, além de colorir e transformar o cinza da cidade em uma galeria de arte a céu aberto, dialoga com a cidade, registra, comunica, informa e questiona, ou seja, torna pública algumas questões políticas e sociais que não podem ficar à margem do contexto atual.

5 GRAFFITI E PICAÇÃO: ARTE, RESISTÊNCIA E FORMA DE EXPRESSÃO URBANA

O Graffiti se retrata como movimento artístico contemporâneo, acessível a qualquer cidadão, sem limitar a sua arte num espaço fechado. Representa a voz do povo, clamando por sonhos, estética, ética, justiça, inclusão social, compreensão e aceitação como arte.

No contexto atual, essa intervenção urbana, já faz parte do dia a dia dos espaços urbanos, principalmente das grandes cidades do mundo, e vem sendo legitimada como uma manifestação artística que rompe com padrões estéticos de percepção e apreensão convencional da arte. Ao mesmo tempo que, percebem-se continuamente, questões polêmicas entre as fronteiras da arte e do vandalismo.

As pinturas urbanas, surgiram popularmente no Brasil com a introdução do spray, em meados da década de 1970, principalmente na cidade de São Paulo. Consagrou-se como linguagem artística nos anos de 1980, conquistando seu espaço na mídia, chegando às manchetes de jornais e as referências publicitárias. Atualmente, embora a grafiteagem venha abrangendo o mundo, existe ainda, o preconceito quanto a essa forma de expressão artística, resultando a um

¹² No mês de janeiro de 2017, o prefeito da capital paulista, João Dória Jr. do PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira, resolveu que a cidade teria que ser coberta com uma camada cinza, escondendo todas as pinturas. Infelizmente, não fez distinção entre sujeira e arte. A tinta cinza aplicada na cidade cobriu por igual, Graffiti, pichação, restos de cartazes, sujeira e poluição. Além disso, foi desconsiderado que houvessem obras de arte no espaço urbano.

enfrentamento contínuo por aceitação e espaço. “O fato é que o Graffiti enquanto arte é parcialmente aceito, ainda hoje confundido com pichação e tratado como arte menor”. (GITAHY, 1999, p. 75).

Através das intervenções gráficas, realizadas no espaço urbano, são manifestadas insatisfações em diferentes setores, incluindo o político, ou meramente tentando agregar beleza ao ambiente, no qual está inserido. Dessa forma, os grafiteiros brasileiros têm muito o que relatar: a falta de trabalho, habitação, saúde, educação e segurança, dentre outras questões. São temas pertinentes que se traduzem desde a violência até tentativas menos drásticas de interferir no sistema, nas cidades, com o objetivo de modificá-los. “A arte sempre será o reflexo social de um povo”. (GITAHY, 1999, p. 23).

As manifestações artísticas urbanas, modificam lugares para estabelecer a comunicação com a cidade, melhoram a qualidade estética da paisagem urbana, possibilitam a interação e a participação das pessoas, como instrumento num processo de revalorização do espaço público. Além de remover a cor cinzenta das paredes, recompondo a cidade, transformando-a em um museu a céu aberto.

Figura 1 – Graffiti – Registro fotográfico realizado pelos alunos, na cidade de Camaçari-Ba.



Fonte: Imagens cedidas por alunos (2016).

No momento presente, a arte do Graffiti está inserida em diferentes espaços culturais, os quais disponibilizam vários tipos de experiências socioeducativas e estéticas-culturais, integrando diversos segmentos da sociedade com a arte e com as experiências artísticas.

Por outro lado, a pichação é definida, na maioria das vezes, como uma condenável atitude de vandalismo, uma sujeira nas ruas da cidade, alimentando o preconceito de associar pichadores com gangues perigosas. É como se fosse o que há de ruim no Graffiti – a sua sobra.

Tem sido observado no momento atual, nos discursos do poder público, onde as prefeituras defendem uma política de limpeza das cidades e prezam por eliminar o que entendem por depredação ao espaço urbano, investindo em ações de um suposto programa de embelezamento.¹³ Diante disso, atribuem às pinturas, uma intervenção que agride a paisagem urbana, deteriora a cidade e deve, portanto, ser combatida. Isso posto, determinadas informações que circulam por diversos meios de comunicação e julgamentos indevidos provenientes do âmbito social, atuam de modo direto na escola. Os alunos exprimiam comumente críticas para a pichação em virtude de não compreender este fenômeno como forma de comunicação, associando-o apenas à poluição visual. Contrariando esta perspectiva reducionista e discriminatória, o projeto desenvolvido com a turma, se fundamentou ainda, em apresentar e discutir com os alunos, alguns aspectos da pichação como forma de expressão visual urbana que faz uso de textos de grande impacto para intervir na paisagem da cidade, desafiando os preconceitos existentes.

As pichações nos espaços públicos pertencem a outro grupo de artistas de rua, cujo intuito é interferir em muros, monumentos e fachadas arquitetônicas, com rabiscos, frases de protestos e insultos, como uma forma de identificação e demarcação de territórios entre grupos, algumas vezes, rivais.

Figura 2 – Pichação – Registro fotográfico realizado pelos alunos, na cidade de Camaçari-Ba.



Fonte: Imagens cedidas por alunos (2016).

De acordo com Gitahy (1999, p. 19), alguns dos significados da pichação podem ser: “Ação ou efeito de pichar; escrever em muros e paredes; aplicar piche em”. Classificar as manifestações urbanas dentro de conceitos predefinidos é

¹³ Programa São Paulo Cidade Linda - De zeladoria da gestão do prefeito João Dória. Teve início no dia de 2 janeiro de 2017 e prevê, entre outras coisas, a limpeza de ruas, reparo em calçadas e pintura de muros em vários bairros da capital paulistana.

limitar suas potencialidades expressivas. Essas certezas, ao mesmo tempo em que geram tranquilidade para quem as define, impõem dicotomias de bem versus mal que expressam generalizações simplistas tomadas como única verdade. Optou-se, por falar da pichação, como um poder de resistência e, sendo assim, discuti-la e compreendê-la também na escola, através de pesquisas, apreciações e demonstração de expressões gráficas concebidas por inquietações, a respeito de algumas normalizações que tendem a imobilizar.

Devemos entender essa manifestação humana. Se somos da mesma espécie, por que reprimir, tão drasticamente, uma atividade muito menos perigosa do que as barbaridades sociais, ecológicas e políticas, corrupções e violência que se sucedem à nossa vista e são enaltecidas pela mídia? (VILLAÇA¹⁴, apud GITAHY, 1999, p.25).

É produzida de uma forma espontânea e gratuita, utilizando a palavra e a letra como meio de expressão. O ato de pichar está relacionado com a escrita, de agredir um determinado espaço com palavras escritas de forma diferenciada, mantendo certa identificação do autor ou do grupo, cujo intuito é chamar a atenção dos transeuntes para a sua produção artística.

Conforme Lassala (2017, p. 160), “A pichação passa a interagir fora do seu meio habitual, aproximando-se do campo da arte com a participação de pichadores em espaços de legitimação cultural e artística.” Nesse sentido, é permitido uma leitura ampla e distanciada do preconceito a ela destinado. Verifica-se nessa análise as características visuais que este fenômeno de apropriação urbana transmite, a partir da manifestação social urbana, usando-os como inspiração para reflexões visuais que podem auxiliar na construção de novas formas de interpretações gráficas da condição em que vivemos atualmente.

6 O GRAFFITI E A PICHÇÃO PERANTE ÀS LEIS: (AUTORIZADOS-DESAUTORIZADOS)

A repressão penal à poluição visual se concentra na proteção contra a degradação de bens protegidos por leis ou atos administrativos, assim como a quaisquer bens particulares ou públicos mediante pichação, Graffiti ou qualquer outro meio.

¹⁴ Um dos precursores da arte do Graffiti no Brasil.

Em 1998, foi criada a Lei Federal nº 9.605, contra crimes ambientalistas. No seu artigo 65¹⁵, conceituava as pinturas urbanas e a pichação como sendo a mesma coisa, declarando-as crime contra o meio ambiente. Essa lei correspondeu a uma tentativa errônea de reprimir as expressões gráficas urbanas, fazendo com que as manifestações artísticas ficassem mais inibidas.

A lei brasileira hoje, já diferencia o Graffiti da pichação. Apesar das duas modalidades serem consideradas como uma forma de expressão das ruas, existem algumas diferenças entre elas. Pichar, de acordo com a legislação, é considerado ilegal desde 1998. Ela tende a não ter desenhos bem elaborados sendo, em sua maioria, considerados rabiscos. Já a grafiteagem, só é considerada ilegal, quando não houver autorização do proprietário do local grafitado. São produzidos desenhos bem elaborados e com o objetivo de colorir e comunicar com a cidade. Essa dicotomia entre o feio e o belo, motivou o legislador penal, com a finalidade de tentar diferenciar o vândalo do artista, através da Lei nº 12.408/2011, definindo o tratamento que deveria ser conferido às pinturas urbanas e à pichação.¹⁶ Nesse meandro, no dia 25 de maio de 2011 entrou em vigor a Lei Federal nº 12.408¹⁷, que altera o Art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercializar tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de dezoito anos¹⁸.

Tal lei passou a considerar o Graffiti como uma conduta legalizada (diferente da pichação), desde que exista o consentimento do proprietário do local grafitado. Os pichadores ainda são considerados em qualquer situação, como criminosos que, além

¹⁵ Art. 65. Pichar, grafitar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano: Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa. Parágrafo único. Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a um 1 (ano) de detenção, e multa;

¹⁶ A pichação, foi acolhida em 2010 pela prestigiosa Bienal de São Paulo, que na ocasião lhe reservou um generoso espaço de intervenção. Mas, apesar destes esforços, a implicância persiste. O tema quase sempre ressurgue com força no noticiário policial e na pauta política da cidade de São Paulo;

¹⁷ Art. 65. Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano: (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011); Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa. (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011). § 1º Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção ou multa. (Renumerado do parágrafo único pela Lei nº 12.408, de 2011). § 2º Não constitui crime a prática de Graffiti realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional. (Incluído pela Lei nº 12.408, de 2011);

¹⁸ Art. 2º da Lei nº 12.408, de 25 de maio de 2011- Fica proibida a comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol em todo o território nacional a menores de 18 (dezoito) anos;

de sujarem a cidade com seus pixos de difícil compreensão, representam uma parcela marginalizada não só pela sociedade, mas também pela lei penal.¹⁹ Além de possuir caráter discriminatório, a referida alteração legislativa, ao buscar diferenciar a arte do vandalismo, se contradiz, na medida em que apenas o Graffiti previamente autorizado ou consentido é lícito, enquanto o outro, por mais colorido e bem feito que seja, é tido como criminoso pela simples ausência de autorização. Conforme Gitahy (1999, p. 24), “A pichação aparece como uma das formas mais suaves de dar vazão ao descontentamento e à falta de expectativas”.

As questões que relacionam expressões gráficas urbanas com as leis que autorizam, ou não, a grafiteagem, foi muito mencionada acima. Estas são leis fundamentais para a organização do espaço urbano, com suas diretrizes formadas e sustentadas por culturas dominantes. Na medida, porém, em que uma cultura se transforma, suas leis também precisam se modificar e se atualizar, revelando uma sociedade que produz mudanças, na busca por se adequar e renovar concepções de mundo que facilitem a ocorrência de novas realidades, necessárias ao bem público. Para que isto ocorra, é necessário que existam novos olhares sobre o tema a ser transformado em lei. As leis já citadas, que determinam sobre a conservação dos bens públicos e, conseqüentemente, dizem respeito ao uso do espaço urbano, têm sofrido mudanças quanto às suas formas de interpretação, principalmente relacionadas às práticas de grafiteagem.

Atualmente, o Estado faz distinção entre o que é Graffiti e pichação, e, por isso, ampliou-se a aceitação das intervenções dos grafiteiros. Segundo os próprios grafiteiros, houve uma mudança na lei, diferenciando grafiteiro de pichador e novas regras foram estabelecidas e utilizadas no espaço público. Mesmo com as mudanças legais, porém, estes devem seguir um determinado protocolo exigido por lei. É neste ponto que os grafiteiros expõem uma relação ambígua com as novas leis que se relacionam aos bens públicos. Mesmo com a recente mudança que não os considera mais vândalos ou pichadores, os grafiteiros precisam ter autorização para grafitar qualquer muro, ou seja, se não estiverem seguindo este protocolo estabelecido por lei, tornam-se novamente infratores, segundo o Estado.

¹⁹ Além da desigualdade social e da desorganização da cidade, uma parcela da população é levada para a pichação porque ela oferece visibilidade e projeção social para o jovem periférico, que resolve circular e ocupar o centro da cidade. É preciso fomentar práticas e políticas públicas para que este jovem se expresse de outras maneiras que não o picho, e isso não tem sido feito;

7 O GRAFFITI NO ENSINO MÉDIO – A PROPOSTA DE AÇÃO ARTÍSTICA E DIDÁTICA

A arte visual do Graffiti, se encontrava presente na escola e estabelecia uma comunicação efetiva com os alunos. Essa manifestação artística urbana era utilizada pelas turmas, como componente de libertação e de transformação social e cultural. Diante da constatação, houve o encorajamento e motivação a vincular o exercício docente, como arte educador, com as pinturas presentes no meio urbano. Deste modo, busquei inteirar-me da linguagem do Graffiti, para utilizá-la através de uma proposta artística e pedagógica, visando contribuir com o ensino das Artes Visuais no ensino médio.

Para a aquisição de informações e posterior estudo, a respeito da manifestação artística mencionada, foi realizado um levantamento bibliográfico e consultas em sites, como também, contato com um artista grafiteiro²⁰, para poder compreender e refletir com propriedade, sobre a referida manifestação artística e social, bem como, analisar a viabilidade da criação das ações artísticas e didáticas, desenvolvidas no componente Arte – Artes Visuais, no ensino médio.

A supracitada proposta, refere-se ao método de trabalho idealizado, assim como, a produção de material didático, que tornou possível a apropriação artística e pedagógica da estética do Graffiti no ambiente escolar. Denominada *Proposta de Ação Artística e Didática*, com a qual pretende-se agregar o caráter artístico ao desenvolvimento de um plano didático.

A Proposta de Ação Artística e Didática, corresponde em linhas gerais, a uma orientação metodológica de trabalho sobre Graffiti. É destinada ao professor da educação básica, especificamente aos licenciados em Artes Visuais, que atuam com o ensino médio e pretendem experimentar a mencionada modalidade artística e urbana da atualidade, na escola, concretizando uma eficaz transposição didática com os alunos.

²⁰ Marcos Costa. – Salvador/Ba.

7.1 AS AÇÕES DA PROPOSTA ARTÍSTICA E DIDÁTICA – PLANEJAMENTO E PROCEDIMENTOS

O projeto transcorreu através da execução do planejamento de ações artísticas e didáticas. Referiu-se a uma coleta sistemática de informações, ocasionada pelo cumprimento do roteiro de atividades experimentais (teóricas e práticas), complementadas por metodologias, que foram empregadas e propiciaram o desenvolvimento da proposta de trabalho com o Graffiti numa perspectiva artística e pedagógica.

As ações do projeto, foram desempenhadas em tempos pedagógicos, onde para cada atividade realizada com a turma, eram explicitados o método de ensino, as estratégias, os objetivos e os materiais necessários. “Cabe ao professor escolher os modos e recursos didáticos adequados para apresentar as informações, observando sempre a necessidade de introduzir formas artísticas, porque ensinar arte com arte é um caminho mais eficaz”. (PCNs,1998, p. 35).

Algumas ações do trabalho foram reformuladas na fase em que a proposta artística e didática estava em processo de aplicação com uma turma que lecionava. Assim também, os métodos de trabalho que foram eleitos, sendo possível explorar ao máximo a temática e atingir os objetivos do projeto.

Definiu-se por recorrer ao método do laboratório do experimental em Graffiti. O laboratório foi realizado com a turma – 1º ano E²¹ – do ensino médio. A pesquisa experimental, aconteceu mediante a utilização de ações interventivas para análise e apresentação de dados conclusivos. Assim como, para a dinâmica do trabalho com as ações, adotou-se, também, a abordagem da pesquisa-ação. Refere-se a uma metodologia muito utilizada em projetos de pesquisa educacional. Para Elliot (1990, p. 169), “Ação como meio de produzir conhecimentos sobre os problemas vividos pelo profissional, visando atingir melhoria na sua prática pedagógica, como também, a realidade em que vive”. Diz respeito ao método em que tanto os agentes, como a situação, se modificam num processo sistemático de aprendizagem de tal modo que a ação educativa se converte em uma atitude esclarecedora e comprometida. Com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam

²¹ Nomeação indicada pelo colégio, para identificação das turmas.

em condições de produzir informações e conhecimentos, o que promoveria condições para ações e transformações de situações dentro da escola.

O processo da pesquisa-ação na proposta de ação artística e didática ocorreu com a metodologia estruturada de uma pesquisa pedagógica. Foi abandonado o papel de observador em proveito de uma atitude participativa, sujeito a sujeito com os alunos. Houve o diagnóstico de uma dada situação, formulou-se e desenvolveram-se estratégias de trabalho, procedendo com avaliação, o que tornou possível, a reflexão-ação-reflexão, ampliando a compreensão dos resultados das ações da proposta pedagógica executada.

Foram contemplados procedimentos metodológicos variados, conforme as especificidades de algumas ações. Em função disso, aproveitou-se a proposta triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa, nas fases do trabalho onde foi fundamental a leitura de imagens, a contextualização e a produção artística. Verificou-se também, a necessidade de desenvolver o processo ação-reflexão-ação²², de projetos para o ensino de arte, conforme apontado por Gisa Picosque, Mirian Celeste Martins e Maria Terezinha Telles Guerra. O processo mencionado acima, foi válido na condução da proposta pedagógica, pois exigiu uma reflexão permanente, propiciando avaliar as etapas planejadas e efetuadas, para dar continuidade às ações. “Trabalhar com projetos exige uma reflexão constante, e é por meio dela que podemos avaliar todos os passos planejados e já realizados, para dar sequência às ações.” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 166).

A sistematização do trabalho fundamentou-se, também, com a abordagem Sociointeracionista²³, de Vygotsky²⁴. Segundo a qual, as relações de aprendizagem e o desenvolvimento humano estavam vinculados aos contextos sociais e culturais, como também, nas trocas entre parceiros sociais, que neste feito, foi o engajamento ativo de professor e alunos, através de processos de interação e mediação, possibilitando a aquisição de conhecimentos.

Em concordância com Vygotsky (2003, p. 156), “Na ausência do outro, o homem não se constrói homem.” Por conta disto, na proposta pedagógica, foi

²² O processo apresenta três passos básicos: 1º momento – Avaliação iniciante (Sondagem); 2º momento - Encaminhamento das ações (Levantamento de propostas possíveis, replanejamento e avaliações) e 3º momento – Sistematização (Apropriação do conhecimento construído);

²³ Teoria de aprendizagem cujo foco está na interação;

²⁴ Foi um psicólogo bielo-russo que realizou diversas pesquisas na área do desenvolvimento da aprendizagem e do papel preponderante das relações sociais nesse processo, o que originou uma corrente de pensamento denominada Sociointeracionismo.

evidenciada a relação aluno-professor e aluno-aluno. Essa interação foi fundamental em sala de aula, para que na troca de ideias entre os alunos e na atuação do professor, como mediador, entre o aluno, as informações que este possuía e o contexto social, favoreceu a produção de conhecimentos.

O trabalho foi pautado por metodologias de ensino, que proporcionaram a observação e análise de mudanças dos alunos, no que diz respeito, à interação, mediação, aprendizado e reelaboração de conceitos. Essas mudanças foram percebidas de forma contínua, não apenas pela avaliação de uma atividade, mas por um conjunto de atividades individuais e coletivas. Com isso, foi preciso refletir também, sobre a respectiva atuação pedagógica, como intermediador do processo, o que auxiliou na condução do projeto e na aprendizagem dos alunos.

7.2 RELATO DO PROCESSO E DOS RESULTADOS DA PROPOSTA DE AÇÃO ARTÍSTICA E DIDÁTICA – EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM COM O GRAFFITI

As atividades experimentais que compõem a proposta artística e didática, foram executadas no período do segundo semestre do ano letivo de 2016. Categorizadas em ações teóricas e práticas, individuais e coletivas, planejadas e conduzidas por orientações pedagógicas.

O encaminhamento do trabalho aconteceu durante as aulas de arte – Artes Visuais, e modificou a rotina escolar da turma, que foi utilizada como laboratório experimental em Graffiti. Com o andamento da proposta, houve a sondagem, onde transcorreu com a análise do conhecimento prévio dos alunos; Compartilhamento e troca de informações, através de aulas expositivas dialogadas; Apresentação de materiais e demonstração de técnicas; Desenvolvimento de experimentações; Desconstrução de estereótipos; Leituras de imagens, além de um processo contínuo de reflexões e criações relacionadas ao tema do projeto.

O trabalho coletivo esteve presente no prosseguimento das atividades. Assim sendo, ampliou o envolvimento dos alunos com a temática do projeto, gerando possibilidade de criação e produção. Segundo Vygotsky (1998, p. 37), “o bom aprendizado é aquele que foca o potencial que o aluno pode desenvolver com ajuda dos outros.” Deste modo, trabalhar em grupo, não foi apenas importante, mas

fundamental para a construção de conhecimentos junto aos alunos e, por consequência, ocasionou o êxito na administração do projeto.

As ações de produção teóricas foram: avaliação diagnóstica escrita (pré e pós-teste), estudo dirigido (texto e audiovisual), debate integrado entre grupos de alunos, quadro comparativo, exercício com leitura de imagem e palestra.

Na fase inicial do projeto, foi aplicada uma avaliação diagnóstica (pré-teste) com a turma. Apresentou-se o formato de questionário com a imagem de um Graffiti e, teve a finalidade de determinar o nível de conhecimento sobre o tema de trabalho, além de, também, formular as ações futuras. Foi utilizado, no final do trabalho, uma avaliação diagnóstica idêntica ao pré-teste, intitulado de pós-teste. Teve o propósito de verificar a questão do ensino e da aprendizagem do processo, e as contribuições em trabalhar na escola com uma modalidade da arte urbana.

Aconteceu um estudo dirigido sobre as pinturas urbanas. Por meio desta atividade, oportunizou-se, uma ampliação de informações sobre a expressão artística urbana. Em seguida, a aula transcorreu com a exibição de um produto audiovisual – No Muro. O Documentário traz um panorama sobre as pinturas urbanas. Após a exibição, o professor realizou uma síntese do que foi exposto e debateu com os alunos algumas questões indicadas no audiovisual.

Foi executado com a classe, um debate integrado entre grupos, sobre tudo o que foi apresentado e estudado sobre o Graffiti. Foi importante, pois os alunos relataram o que pensavam a respeito das pinturas, trocaram informações a partir de suas experiências e refletiram sobre os esclarecimentos a respeito da referida expressão gráfica urbana.

Os alunos realizaram a captação das imagens (grafitadas e pichadas). A intenção era realizar a elaboração de um quadro comparativo entre Graffiti e pichações presentes no cotidiano. No quadro comparativo, foram identificadas as características visuais, presença ou ausência de autorias, a interferência no meio urbano, os pontos comuns e diferentes, a interferência no meio, assim como as possíveis contribuições que essas manifestações trazem para a sociedade.

Foi organizado e aplicado um exercício de leitura de imagem. A atividade, incentivou a reflexão sobre imagens, o exercício do olhar e a decodificação daquilo que é visto. A leitura foi efetivada pelos alunos, através da minha mediação, onde foram apreendidas algumas das fases da proposta triangular de Ana Mae Barbosa. A

turma participou da aula, expondo relatos sobre as pinturas urbanas observadas e decodificadas.

Compondo a sequência de ações do projeto, foi planejada e oportunizada uma palestra, ministrada pelo artista grafiteiro – Marcos Costa. Vários enfoques foram abordados na palestra que desta forma, ampliou e potencializou o repertório dos alunos sobre a manifestação artística e urbana em estudo.

Figura 3 – Ações teóricas da proposta artística e didática, executadas em uma turma do 1º ano do ensino médio.



Fonte: Acervo pessoal (2016).

Figura 4 – Ações teóricas da proposta artística e didática: Exibição de audiovisual, palestra com o artista grafiteiro e o quadro comparativo.



Fonte: Acervo pessoal (2016).

A cada ação cumprida, era observada a participação, interesse, e o entusiasmo da turma e, diante disso, foi possível detectar a condução dos procedimentos adotados, como também, repensar estratégias baseadas nos resultados apresentados. As tarefas teóricas foram fundamentais para sondar o conhecimento prévio dos alunos, compartilhar informações atuais e contextualizadas de fontes consultadas (livros, revistas e sites da internet), bem como, de vivências obtidas com alguns artistas grafiteiros, expor curiosidades, elucidar e debater questões, minimizar rótulos depreciativos atribuídos às intervenções urbanas – Graffiti e pichação, além de propiciar uma prática artística mais consciente e fundamentada.

As atividades de produção prática, transcorreram paralelamente às ações teóricas. Foram planejadas e empregadas para demonstrar viabilidades artísticas e

didáticas das expressões gráficas urbanas na escola, e como modo de construção e aplicação de conhecimentos. Estas atividades compreenderam a Construção de conceito de Graffiti, Palavra no estilo Graffiti, Produção de Graffiti com temas sociais e Oficina de criação e produção.

Dentre as ações práticas executadas com a turma, em específico, destaco: a produção de Graffiti com temas sociais, por conta de sua significância e da relação que estabelece com a vida dos alunos. Através dessa atividade, foi permitido empregar as pinturas urbanas, como uma das formas de expressar e comunicar a opressão e os incômodos, além de refletir a realidade dos estudantes. Desse modo, houve a sensibilização e reflexão que reverteram sentimentos em traços, cores e imagens.

Evidencio a produção prática de um aluno – Rodrigo Nascimento Silva, que utilizou a técnica do Graffiti, envolvendo o tema da violência contra a mulher. Foi possível observar pelo meio de uma representação artística, a denúncia, o protesto e uma história que se declarava. Conforme o relato do aluno, durante a sua apresentação oral sobre o trabalho em questão, ficou justificado o tema, a razão de já ter tido essa experiência em sua família. Afirmou também, que a atividade teve a motivação de conscientizar outras pessoas a lutarem em favor do fim desse tipo de agressão, tão presente nos dias de hoje. O resultado final do trabalho, demonstrou, ainda, a habilidade do aluno em expor questões sociais, através da linguagem do Graffiti, comprovando que as pinturas urbanas foram aproveitadas, como ferramenta de debate e mobilização social. A produção de um Graffiti, com a temática social, propicia a construção de narrativas próprias, considerando o aluno como sujeito histórico, ao mesmo tempo em que proporciona maior relação entre o contexto social e a escola.

Figura 5 – Ação prática da Proposta artística e didática - Produção de Graffiti com temas sociais.



Fonte: Acervo pessoal (2016).

Através das atividades práticas, os alunos tiveram a oportunidade de experimentar a técnica do Graffiti, uma manifestação visual tipicamente urbana, com ações relacionadas às práticas, em condições didáticas. Buscou-se, portanto, agregar uma prática alicerçada em teorias orientadas (trabalhadas e discutidas).

O encadeamento das tarefas práticas, contribuiu com a aprendizagem da turma, por meio de experimentos que proporcionaram aos alunos a possibilidade de transpor a posição de admiradores e contempladores da estética das pinturas urbanas, tornando-os produtores, mesmo que, com atividades adaptadas²⁵, desenvolvidas na escola, durante as aulas de Arte. Por intermédio das produções práticas foi evidenciada a observação, a interpretação e a compreensão dos alunos como elementos integradores do fazer artístico.

Relembrando e pondo em aplicação algumas questões debatidas com a turma sobre o aspecto gráfico das pinturas urbanas, como uma forma simbólica característica e meio de personalização de artistas grafiteiros. “O Graffiti pede que se tenha um símbolo ou um estilo de traço, uma cor que é utilizada. É o que representa e identifica, além da valorização da autoestima.” (BEDOIAN; MENEZES, 2008, p. 37). Concebendo as informações apresentadas, os alunos produziram os seus nomes com o estilo Graffiti²⁶, como uma forma simbólica de representação e identificação visual. Conduzidos por orientações e sugestões, cada aluno criou com materiais escolares, já conhecidos e comuns, a sua marca ou inscrição, demonstrando assim, que independente dos utensílios e de qualquer suporte, pode-se ser expressivo, como já fazem os artistas grafiteiros nos muros.

No percurso da proposta, foi incluída a dinâmica de pesquisar e observar o espaço urbano do entorno, onde utilizou-se a estética da grafiteagem, para retratar questões sociais. “O Graffiti tem caráter social. É como um instrumento de denúncia, ele expõe, tem a capacidade de fazer as coisas virarem vitrine. Com a tinta você sublima o que precisa ser iluminado” (BEDOIAN; MENEZES, 2008, p. 52). Observou-se com esta atividade de criação, contemplando temáticas sociais, a relação dos alunos com os incômodos presentes em seus contextos sociais. Através de uma manifestação artística visual foi possível expor e revisitar determinados dilemas,

²⁵ Atividades elaboradas com caráter artístico e didático. Houve, uma adequação com relação a suporte e materiais empregados.

²⁶ Conhecido pelo emprego de letras decorativas que se fundem e muitas vezes se confundem às imagens;

desafios e pontos conflitantes dos estudantes²⁷. Potencializou-se o diálogo da turma sobre o espaço urbano coletivo, através do referencial que cada aluno trouxe sobre as suas histórias de vida, insatisfações e desejos, traçou-se discussões importantes na escola, como forma ainda, de reflexão e crítica ao que precisa ter visibilidade no meio social em forma de cores. “Inspirações de jovens que encontram no Graffiti, possibilidades concretas para reinterpretação de realidades sociais” (MENEZES, 2008, p. 17).

Com a implementação da oficina de criação e produção, foi oportunizado executar com os alunos, o que compreendido com as teorias e ações anteriores. A oficina foi conduzida pelo artista grafiteiro Marcos Costa²⁸, embora, o roteiro e as situações metodológicas aplicadas, tenham sido organizadas e indicadas pelo professor, autor do projeto.

O artista grafiteiro supracitado, auxiliou todo o processo de criação da oficina e participou da produção de um painel na sala de aula, que foi realizado por meio de um trabalho coletivo. Foi utilizado para a intervenção, uma das paredes da sala de aula, que precisou ser coberta com papel, pois a gestão do colégio, não deu autorização para a realização das experimentações práticas com as pinturas, diretamente sobre a superfície da parede. Isto demonstra, como trabalhar com arte no ambiente escolar, é de fato, algo de resistência, persistência e adaptações constantes. Não existiu nenhuma forma de apoio em termos materiais e ainda, foi apresentado um comportamento, que deseja limitar a execução do fazer artístico. É importante sinalizar, que antes da efetivação da proposta pedagógica, foi apresentado o projeto para a gestão e, inclusive, tiveram ciência que correspondia a uma tarefa de complementação para compor os requisitos de formação acadêmica junto ao mestrado profissional em Artes.

A oficina teve duração de quatro horas e através das experimentações, a turma compreendeu como uma forma de expressão gráfica urbana valoriza e enriquece o espaço onde é inserida, além de permitir a criatividade. A experiência proporcionou a comunicação e o envolvimento dos participantes diretos do projeto, alunos, professor e grafiteiro.

²⁷ Gravidez, aborto, diversidade sexual e de gênero, desentendimento familiar, violência urbana, preconceito racial, bullying na escola, violência contra a mulher; Consumo de drogas e criminalidade, entre outras inquietações da vida em sociedade;

²⁸ Bacharel em Artes Visuais (UFBA) e Grafiteiro. Apresenta atuação através de oficinas e intervenções artísticas em diversos lugares de Salvador e região metropolitana.

A arte de desenhar e colorir com spray de tinta estiveram ao alcance dos alunos. A ação incrementou, no projeto, o universo da arte urbana e demonstrou na prática, que o Graffiti vai muito além de marcas deixadas nos muros da cidade, agregando valor artístico às pinturas construídas no espaço urbano. Assim, foi promovido o dia de grafiteiros dos alunos, favorecendo para uma nova apreciação a respeito das pinturas criadas pelos grafiteiros nas ruas.

A atividade coletiva – criação do painel em sala de aula – incentivou entre os alunos, a troca de informações, o senso de colaboração, motivação para o encontro de criações e produções em uma superfície com uma extensão maior do que já tinham trabalhado. Foi percebida a atitude da turma referente à resolução do espaço a ser distribuído para as pinturas e o aprimoramento de técnicas, em relação ao uso da lata de spray. É importante mencionar, também que, aos poucos, o receio e a insegurança de alguns alunos, foram superados e novos comportamentos foram incorporados à medida que a criatividade, as habilidades e técnicas se desenvolviam.

Além dos desenhos grafitados, no painel coletivo, notou-se na intervenção, o aparecimento de palavras, frases despertadas por uma consciência coletiva, característica da pichação. “A pichação convive nas ruas das grandes cidades não só com Graffiti e cartazes, mas também com murais, adesivos e estêncis. Autorizados ou não. Tudo junto e misturado”. (LASSALA, 2017, p. 20).

A pichação, foi concebida neste trabalho, como um fenômeno cultural e uma forma de comunicação pertencente ao universo dos adolescentes. Através dela falam de amor, da dor e compartilham as mesmas inquietações. Conforme relatado, afora a experiência da concretização da prática, foram desconstruídos alguns estereótipos entre os alunos, o que reconheciam sobre a pichação como algo incondicionalmente ruim e impróprio para qualquer espaço, inclusive o escolar; o que fez dessa problematização momentos de diálogo, reflexão e criação que contrariaram determinadas perspectivas reducionistas.

Por meio da construção coletiva do painel, os alunos transformaram a sala de aula num espaço criativo, que despertou a atenção e a contemplação de toda a comunidade escolar. Professores, funcionários e outras turmas, visitavam, admiravam e realizavam suas próprias interpretações sobre a intervenção artística produzida e seus aspectos harmônicos. A pichação existente no painel, não foi censurada por nenhum visitante. Considerada como uma forma não convencional de arte, constituída

por um estilo de comunicação, através da qual pôde-se criar um trabalho educativo, onde alunos foram orientados para a utilização positiva da pichação.²⁹

Na oficina foi percebida a atenção, o apoio e o entusiasmo na participação dos alunos. O resultado foi um grande painel colorido e construído coletivamente. Cada um contribuiu, deixando suas impressões, seus símbolos, suas experiências e demais registros para completar a estrutura da intervenção na sala de aula e, assim, realizou-se a experimentação.

É fundamental destacar que em todos os momentos da efetivação da proposta artística e didática, a turma do ensino médio que participou da proposta pedagógica, demonstrou responsabilidade, interesse, envolvimento, colaboração, participação, além de uma receptividade exemplar relacionada às ações propostas com o trabalho que estava sendo executado. Dessa forma, ainda, existiu a conquista de resultados importantes com a consumação do projeto sobre o Graffiti na escola, como a Construção de novos conceitos sobre a arte urbana com orientações; Oportunidade da expressão através de outras linguagens; Exercício do trabalho em grupo; Atuação como protagonista na produção e recepção dos trabalhos práticos; Compartilhamento de experiências artísticas e estéticas; Aprimoramento de técnicas da linguagem visual; Desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação de imagens e a potencialização do fazer artístico por meio dos grafismos urbanos.

Os resultados obtidos favoreceram ainda, ao professor responsável pelo projeto, a revisão da prática docente, a aproximação da teoria e da prática com novos pressupostos para a reflexão e organização de trabalho educativo de elos, ao invés de barreiras.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Graffiti no Brasil, tem cerca de quarenta anos e durante este período vem ocupando os muros dos grandes centros urbanos. Mediante as resistências de seus adeptos, tem obtido visibilidade e reconhecimento artístico como forma de expressão pública e arte acessível, disponível a todos – apesar de ainda continuar sendo prejudicado com classificações impróprias, discriminado com as deliberações

²⁹ Para além da contravenção e das polêmicas, há na pichação uma manifestação estética vibrante e genuína, que insiste em reinventar a forma das letras, primando pela originalidade.

autoritárias por parte do poder público e com julgamentos indevidos por uma parte da sociedade que o rotula como vandalismo.

Através de pesquisas e reflexões, intermediadas pelos resultados obtidos com a execução da proposta pedagógica, foi admitido o potencial artístico e pedagógico das expressões gráficas urbanas. Uma linguagem que combinou adequadamente no ambiente escolar e intensificou o processo de ensino-aprendizagem da turma contemplada pelo projeto. Não foi pretendida a transformação dos alunos em grafiteiros profissionais e sim, a elaboração e a aplicabilidade de um material didático, concebido pela estética das pinturas expostas no cotidiano deles. Portanto, a partir das análises das ações do projeto, o Graffiti foi considerado como uma possível alternativa pedagógica, possibilitando uma experimentação artística e didática, que colaborou com a atuação do trabalho do professor – autor da proposta – ou seja, com a transposição de uma modalidade de arte urbana como elemento educativo no ensino médio.

As ações realizadas na escola, analisadas neste estudo, tiveram como premissa, permitir a interlocução entre as manifestações artísticas expostas no meio urbano com o universo escolar. Desta forma, promoveu-se um entrelaçamento com a socialização e a construção de conhecimentos de uma forma de expressão que valida os estudantes e suas vivências. Foi materializando um trabalho contextualizando o espaço escolar, que se desenvolveu com a apropriação da cultura de rua, representada, dita e grafada por tantos alunos no cotidiano, como processo de reflexão e aprendizagem.

Ao tratar de uma temática da arte urbana na escola, foram implementadas atividades de apreço e conscientização com a turma em relação ao impacto visual e social provocado pelas intervenções urbanas, além de minimizar-se o caráter depreciativo reservado às pichações, construindo novos conceitos a respeito dessa forma de expressão visual urbana.

A efetivação do projeto junto aos estudantes, despertou a curiosidade, ampliou informações, desencadeou a interação nas atividades, desenvolveu o senso crítico e favoreceu positivamente a relação da arte do Graffiti no contexto escolar. Percebeu-se também, que é um tipo de linguagem bem aceita pelos alunos. Tem algo que cativa, atrai a atenção e tem significado real na expressão deles. Corresponde a uma forma de arte que permite desdobramentos. É um modo de liberar anseios, críticas, protestos, mensagens e opiniões dos alunos, que se sentem valorizados e estimulados a expressarem o que pensam, suas angústias, suas revoltas, seus

desejos, sua existência e identidade. Não somente como forma de expressão, mas como ampliação da bagagem cultural.

As representações visuais que foram exploradas no espaço escolar, com a turma, com a mediação de um professor, revelaram as inspirações e ideias dos estudantes que encontraram possibilidades concretas para a reinterpretação das realidades sociais e oportunidades singulares para o aperfeiçoamento de habilidades gráficas e pictóricas.

Recomendo a incorporação desta temática no conteúdo programático da disciplina de arte, integrando o segmento da linguagem de Artes Visuais no ensino médio, como também o aproveitamento da Proposta de Ação Artística e Didática, como um suporte pedagógico para os demais professores da educação básica, licenciados em Artes Visuais, que desejem abordar a arte do Graffiti com uma perspectiva educativa.

Há muito a ser discutido e estudado no campo educacional sobre a transposição, adequação e experimentação dessa manifestação artística em sala de aula. Sem o desejo de esgotar o assunto, almejo ainda, que este estudo, ou seja, o compartilhamento desta experiência, venha a contribuir com mudanças no processo de ensino-aprendizagem em Arte, onde o Graffiti foi utilizado como expoente de pensamentos e saberes aprendidos

REFERÊNCIAS

ALVES, J. F. **Transformações do Espaço Público**. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2006. 135 p.

ARAÚJO, P. Traços da Cidadania. **Nova Escola**, São Paulo, n. 71, p. 08-09, dez. 2006.

ARRUDA, J.; VENTRELLA, R. **Link da arte**. São Paulo: Moderna, 2002. 96 p.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BEDOIAN, G.; MENEZES, K. **Por trás dos muros: horizontes sociais do Graffiti**. São Paulo: Peirópolis, 2008. 136 p.

BIBIANO, B. Como agrupo meus alunos? **Nova Escola**, Rio de Janeiro: Abril, a 24, n. 220, p. 36-43, mar. 2009.

BORELLI, S.; OLIVEIRA, R. Vida na metrópole: comunicação visual e intervenções juvenis em São Paulo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal, **Anais...** Natal: INTERCOM, 2008.

BRASIL. Lei 12.408, de 25 de maio de 2011. Altera o art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 26 maio 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12408.htm. Acesso em: 6 mar. 2017

BRASIL. Lei 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 fev. 1998. Seção 1, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9605.htm. Acesso em:

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Arte. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF: 1998.

CANEVACCI, M. **A Cidade Polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993. 238 p.

CRUZ, T. S. Grafiteiros: “Arte Callejero em la Ciudad de México”. **Desacatos Revista de Antropologia Social**, Porto Alegre, n. 14, p. 197-226, 2004.

DA SILVA, R. C.; GOMES, V.; IAPÉCHINO, M. K. **O Grafite como mediador em discussões educativas e culturais entre a escola e a cidade**. Enecult, Salvador, n. 6, maio 2010. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24398.pdf/>. Acesso em: 3 mar. 2017.

DE OLIVEIRA, A. C. **Projetos Pedagógicos**: práticas interdisciplinares. São Paulo: Avercamp, 2005. 145 p.

DE PAULA, B. X. **A reinvenção cultural dos excluídos**. 2002. 172 f. Dissertação (Mestrado) História dos Movimentos Urbanos, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2002.

ELIA, R.; MEIRA, B.; PRESTO, R.; SOTER, S. **Projeto Mosaico**: arte. São Paulo: Scipione, 2016. 240 p.

ELLIOTT, J. **La investigación-acción em educación**. 1. ed. Madrid: Ediciones Morata, 1990. 334 p.

FERNANDES, M.; TÔRRES, C. **Arte**. Livro 2. Belo Horizonte: Editora Universidade, 2006 – (Coleção Pitágoras). 56p.

FERREIRA, M. A. Arte Urbana no Brasil: expressões da diversidade contemporânea. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8., 2011, Guarapuava-PR. **Tópico temático...** São Paulo: Puc-SP, 2011. p. 1-10.

GANZ, N. **O mundo do grafite**: arte urbana dos cinco continentes. São Paulo: Martinsfontes, 2008. 375 p.

GARCEZ, L.; OLIVEIRA, J. **Explicando a arte**: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais. São Paulo: Ediouro, 1999. 157 p.

GITAHY, C. **O que é Graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999. 83 p.

HADDAD, D. A.; MORBIN, D. G. **A arte de fazer arte**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2004. 127 p.

KELLY, C. **Arte e comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1978. 239 p.

LASSALA, G. **Pichação não é pichação**. 2. ed. São Paulo: Altamira, 2017. 95 p.

LUCAS, C. **Superdicas sobre arte**. São Paulo: Saraiva, 2015. 136 p.

MAFFESOLI, M. **O tempo das Tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. 323 p.

MARCONDES, B.; MENEZES, G.; TOSHIMITSU, T. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2000. 151 p.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do Ensino de Arte: A língua do mundo. Poetizar, fruir e conhecer arte**. 1. ed. São Paulo: FTD, 1998. 197 p.

MEDEIROS, M. M. **O que dizem os muros da cidade**. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
MEIRA, B. **Arte**: do rupestre ao remix. São Paulo: Scipione, 2015. 400 p.

NUNES, B. **Introdução à filosofia da arte**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991. 128 p.

PEREIRA, K. H. **Como usar artes visuais na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007. 159 p.

POUGY, E. **Poetizando linguagens, códigos e tecnologias**: a arte no ensino médio. São Paulo: Edições SM, 2012 - (Coleção Somos Mestre). 160 p.

RAMOS, C. M. A. **Graffiti pichação & Cia**. São Paulo: Anna Blume, 1994. 143 p.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006. 158 p.

RINK, A. **Graffiti**: intervenção urbana e arte. Curitiba: Appris, 2013. 200 p.

SAMPAIO, A. V. **Graffiti**: teatro urbano escritural. 2006. 170 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SANT'ANNA, R. **Saber e Ensinar Arte Contemporânea**. São Paulo: Panda Books, 2010. 52 p.

SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos: semiose e autogeração**. São Paulo: Ática, 1995. 199 p.

SILVA, A. **Atmosferas Urbanas – Grafite, arte pública, nichos estéticos**. São Paulo: Edições Sesc, 2014. 294 p.

SILVA, R. de A. **Fine Art Graffiti**. São Paulo: Sesi-SP, 2013. 128 p.

UTUARI, S. **Encontros com Arte e Cultura**. São Paulo: FTD, 2012. 224 p.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 191 p.

_____. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 307 p.